

ARTE QUE PERMANECE DO CAOS: O ESPAÇO-CASA COMO POTENCIAL CRIATIVO E A PERFORMATIVIDADE NO REGISTRO DE SI

Larissa Ribeiro Jacson dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo visa investigar as possibilidades do fazer artístico em isolamento social, enquanto potência e um caminho de transformação. A partir de fotografias performáticas intituladas *Como fazer germinar uma nova morada aqui?*, a pesquisa reflete a conexão do estudante de graduação e seus colegas de turma entrevistados, como artistas, com o espaço em que residem, e com questões do mundo contemporâneo, enquanto atravessam e são atravessados por uma pandemia.

Palavras-chave: Arte. Pandemia. Performatividade.

ABSTRACT

This article aims to investigate the possibilities in the art-making process during social isolation as potency and a path for transformation. Based on performative photographs titled *How to germinate a new home here?*, the research reflects the connection between the undergraduate student and their interviewed classmates, as artists, and the space where they live, as well as issues of the contemporary world, as they go through and are impacted by a pandemic.

Keywords: Art. Pandemic. Performativity.

ARTE EM TEMPOS PANDÊMICOS

No dia 11 de março de 2020, Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), anunciou a pandemia da Covid-19, doença provocada pelo novo coronavírus. Algumas medidas foram tomadas por governantes, na tentativa de conter a disseminação do vírus. Porém a incerteza era predominante em todos os aspectos. Nesse contexto, a suspensão de atividades por dois dias no Estado do Rio de Janeiro – e aqui falo sobre a instituição de ensino superior Centro Universitário Celso Lisboa, especificamente – se converteu em uma quarentena de quinze [dias]. Na sequência, estabeleceu-se um período de isolamento social sem previsão de retomada à rotina.

¹ Graduada em Artes Cênicas pelo Centro Universitário Celso Lisboa

Nos dias que se seguiram, o mundo experimentou sensações angustiantes: o medo, o luto e a ausência de perspectiva. Com acesso restrito ao convívio de amigos e entes queridos, somado à adaptação de hábitos para um longo período em casa, buscamos afeto principalmente em filmes, livros, músicas, séries e fotografias. Em um cenário incerto e triste, a arte encontrou brechas para resistir, reinventar-se e manter viva, ainda que timidamente, a esperança.

Partindo dessa conjuntura, este escrito direciona um olhar aos alunos do bacharelado em Artes Cênicas do Centro Universitário Celso Lisboa, os quais lidaram com os sentimentos gerados pelo cenário pandêmico durante a maior parte de seu curso, e explora uma de suas criações no terceiro período da matriz curricular – que na Celso se denomina como núcleo.

De que modo a pandemia contribuiu para a inovação artística? Tendo em vista os projetos realizados em domicílio, quais as interferências do lugar que habitamos para o artista e seu processo criativo? O olhar para os nossos lares reflete o modo que observamos a existência e, a fim de analisar tal afirmação, a autora deste estudo entrevista colegas de classe e expõe referências do tema.

A principal motivação do artigo reside na produção de fotografias performáticas para um trabalho avaliativo, que como proposta de série foi denominado *Como fazer germinar uma nova morada aqui?*. O trabalho consistiu na recriação do nosso lar, isto é, os professores facilitadores da atividade (Deisi Margarida e Marcelo Asth²) nos propuseram fotografar o espaço de uma maneira não habitual, sendo ele nosso corpo, nossa casa e/ou o mundo, e permitiram um novo olhar para aquele local antes demasiado angustiante. A continuidade das aulas ora gerou ansiedade, ora gerou expectativa. E essa situação de aprendizagem (como são denominadas certas atividades avaliativas no sistema de aprendizagem da Celso) me permitiu bons sentimentos que pensava não conseguir expressar durante minha vivência na pandemia.

² Docentes multidisciplinares do bacharelado em Artes Cênicas, da Escola de Artes Celso Lisboa

ARTE QUE PERMANECE DO CAOS QUE A VIDA ATRAVESSA

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2001, p.24).

Se há algo que a pandemia nos forçou a experimentar, foi o entendimento do tempo: este que muitas vezes acelerou nosso pensamento, foi o mesmo que esvaziou as ruas e por vezes parecia ter parado. “O espaço retém o tempo comprimido, é essa a função do espaço” (BACHELARD³, 2008, p.28). Ficamos em espera, aguardando qualquer sinal para avançar às ruas e reencontrar afeto. Entendemos da maneira mais dolorosa a importância do outro, do estado de presença.

Para muitos, o espaço residencial se apresentou como um novo mundo: o único local de interação e observação possível. Assim sendo, o olhar que desesperançoso contemplava a vida era o mesmo que percebia seu lar. Entendendo que as fotografias criadas para pensar *Como fazer germinar uma nova morada aqui?* eram ressignificações de tantos sentimentos, de tantas experiências ainda sem notoriedade, tais registros eram também ferramentas para recriação de si. “É preciso dizer como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, ‘num canto do mundo” (BACHELARD, 2008, p.24).

A partir deste ponto, proponho examinar a potência poética do espaço e o indivíduo que a experiencia, através da interlocução de dois colegas entrevistados, também alunos do sexto núcleo do bacharelado em Artes Cênicas pela Celso Lisboa.

Para um desses alunos, Lucas Queiroz, recordar a primeira sensação ao ter as aulas suspensas é um tanto complexo, visto que acreditou serem apenas uns dias em casa, recordando-se de um momento similar durante a gripe suína. O primeiro mês foi ainda esperançoso, de que as pessoas iriam seguir os cuidados recomendados pela OMS. No entanto, conforme a quarentena, o número de casos e de mortes foram aumentando, após dois meses, foi o desespero que se alojou.

³ Gaston Bachelard (1884-1962) foi um filósofo, químico, epistemólogo, poeta e crítico literário francês, cujo livro *A Poética do Espaço* baseou a construção do trabalho *Como fazer germinar uma nova morada aqui?* e serviu como bibliografia deste artigo.

O espaço da minha casa começou a virar um lugar muito ruim para mim, um espaço de sufocamento mesmo. Por várias questões [pessoais] a minha casa virou uma prisão, de certa forma. Sempre gostei de sair e meu quarto virou um lugar péssimo. Eu tinha acabado de me mudar, estava dando um respiro de um lugar novo e aconteceu isso. Foi horrível para mim, tanto que tenho resquícios disso até hoje. Eu não gosto de ficar muito tempo no meu quarto, fico me sentindo mal. Eu lembro que comecei a tentar ficar no terraço a fim de estar num lugar diferente, ia para a varanda que tem aqui em casa, para poder ficar num lugar mais aberto sem máscara. Eu comecei desesperadamente a buscar alternativas de coisas que fariam eu me aliviar um pouco da pressão que estava, sabe?

Já a aluna Manuelle Scart afirma:

Acho que me senti assustada, tinha muita desinformação ainda na época; então eu não sabia o que estava acontecendo, mas a gente acreditava que voltaria logo sabe? Eu estava com pressa para voltar, porque eu queria muito ter as aulas práticas de dança do período. E realmente foi um banho de água fria. Acho que a sensação da quarentena aumentar era de que não iria ter fim, uma angústia muito grande de pensar: não vai acabar agora e estou ansiosa. Uma ansiedade muito grande em geral. Cara, não sei quando isso vai acabar e precisa acabar porque essa situação está insustentável. E fora o medo de ser contaminada e morrer ou ficar muito doente; passar por esse sufoco ou algum parente. Então assim, era um grande desespero.

Produzir o trabalho fotográfico *Como fazer germinar uma nova morada aqui?* foi um processo de catarse ou de ressignificação do espaço? Ou ambos?

Para Scart, foi um processo de liberação:

Porque eu estava me sentindo muito mal, precisava expor isso de alguma forma e não sabia como. E ali eu consegui expor algo que estava doente em mim, o título do meu trabalho era: solo infértil, não é possível germinar uma nova morada aqui. Então eu acredito que foi um entendimento, um autoconhecimento [nas fotos] de ter um clarão para chegar naquele trabalho. Eu trabalhei imagens com um simbolismo muito forte, tem algo ali que me representa, não tecnicamente, mas a intenção delas mesmo.

Queiroz entende que as fotos foram não só um processo de catarse, mas também a ressignificação do espaço:

Porque eu estava sentindo muita falta de teatro, de fazer aula presencialmente. Quando veio esse trabalho, foi um projeto muito bom para mim. Eu sei que muita gente reclamou por ter aula online, a pressão da faculdade no meio de uma pandemia, mas [a faculdade] me ajudou muito. Tinha o trabalho da faculdade e isso me ajudou bastante a esquecer o que eu estava passando; eu conseguia me distrair, eu conseguia exercer um lado criativo, focar completamente em outra coisa, ter um objetivo. Então o 'como germinar' me ajudou muito porque, além de causar tudo isso, me ajudou a ressignificar minha casa, que estava sendo muito ruim naquele momento. Eu tive que ter um olhar artístico para as coisas que estavam me sufocando e isso me ajudou pra caramba. Foi um trabalho maravilhoso de produzir, de poder observar e transformar em arte tudo aquilo que estava sendo bem ruim para mim.

Um artista é agente de seu tempo e espaço, um filtro. O que fica retido nele e/ou transpassa está ligado ao que sente e vive. Estar em casa nos repousou em expectativas vazias e nos imergiu em possibilidades. “Porque a casa é nosso canto do mundo. Ela é nosso primeiro universo” (BACHELARD, 2008, p.24).

Retomo aqui minha narrativa, justificando que enquanto para meus colegas houve também um processo catártico, em minhas fotos busquei apenas a ressignificação do espaço. O esgotamento provocado pela pandemia e o olhar que eu depositava sobre meu quarto, me incentivou a buscar memórias que me auxiliassem na construção de outra circunstância. Não obstante, nossas vias criativas resultam no transformar de sensações trazidas pela pandemia em entusiasmo. A satisfação experimentada na elaboração desta atividade poderia ser descrita como a noção de experiência para o doutor em pedagogia Bondía (2001), “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”.

OS ARTISTAS QUE SE FORMAM NA CELSO LISBOA

Pensar que a maior parte da minha graduação ocorreu de forma remota, em isolamento, a partir de uma situação pandêmica, e que a conclusão dela ainda se deu com processos de reabertura em curso, gera tamanha emoção cuja dimensão não consigo discorrer sobre. Gosto de repensar os processos, as possibilidades e os caminhos construídos. Olho para as fotografias⁴ aqui mencionadas como a arte que permaneceu do caos que enfrentamos, ao desenvolver processos criativos em isolamento social. Entendo a arte mais do que nunca como necessária à manutenção da vida e aliada fundamental à permanência e à continuidade.

Retornamos agora à uma reflexão a partir das respostas de meus colegas acerca de sua graduação. Segundo Queiroz, o olhar artístico mudou durante a pandemia. Foi expandido justamente por ter feito a faculdade durante esse período:

Eu acredito que vejo cenas de outra forma. Antes não imaginava como colocar cena em vídeo ou formato de vídeo. Hoje em dia consigo arquitetar mais, me interessei por edição e música, algo que ficou mais forte para mim e então foi super transformador em múltiplos sentidos.

⁴ Link para acessar o álbum fotográfico:

<https://drive.google.com/drive/folders/1YUJ7LXla7GfPfmDEDrDPDhGoa4TCjQH?usp=sharing>

Quando questionado sobre inovações em arte, apesar desse período e/ou devido a ele, respondeu que:

Com certeza a arte resistiu bastante e aconteceram inovações de diversas formas. Um exemplo forte é Babel⁵ e o pessoal entrando para o audiovisual. Acho que muitas coisas não vão morrer, serão levadas adiante quando a pandemia acabar.

Para Scart, o fato de ter tido a maior parte do curso (2 anos de formação acadêmica, do total de 3 anos) em um contexto pandêmico, influenciou da seguinte maneira:

Bastante na vivência, na experiência mesmo. Todas as turmas são diferentes, as vivências são diferentes. Só que quando você pega uma turma no terceiro período, super empolgada pela aula de dança, é um balde de água de fria. Eu achei que a gente teria um trabalho de corpo e a gente não teve, foi muito limitado dentro do possível. Por estarmos em casa, sem o acompanhamento físico da Deisi⁶, não estar na energia do espaço com outras pessoas. Estar vendo a câmera aberta dos outros não é a mesma coisa; acho que me desmotivou de certa forma, eu me sinto carente em relação a isso. Ao mesmo tempo, esse 1 ano que tivemos antes da pandemia, foi muito forte, muito intenso. Eu aprendi muita coisa em muito pouco tempo. Eu trabalhei com pessoas que levavam [a arte] muito a sério, então é motivador estar com pessoas assim. Tive contato com vários atores na faculdade e pude separar ao que eu estava alinhada.

COMO FAZER GERMINAR UMA NOVA MORADA AQUI?

A produção artística – objeto deste estudo – consistia, afinal, em um salto para a poesia que encontramos em casa, entendendo essa morada como o espaço físico e nosso corpo, nossa memória. Recriar esses lares através de registros fotográficos foi, sobretudo, um respiro em um ano que tal ação se tornou tão precária. O atravessamento deste processo criativo provocou alterações no meu olhar enquanto artista criadora, contudo, para além disso permitiu encontros essenciais comigo mesma, encontros esses que transformaram minha experiência e se tornaram foco de reflexão neste artigo.

Em concordância com Bondía (2001, p.28) “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’.” O que é o ator contemporâneo senão aquele que se permite experimentar múltiplas

⁵ Babel [em processo] é um espetáculo híbrido da cia BAK Artes Performativas cujo ATO I foi exibido por diferentes ângulos, tanto ao vivo quanto pela plataforma *YOUTUBE*.

⁶ Professora de dança contemporânea no terceiro núcleo do bacharelado em Artes Cênicas do Centro Universitário Celso Lisboa

linguagens, artísticas e não artísticas, construir cenas que dialogam com a sua vivência e o que emerge do mundo, propor reflexões a respeito de seu tempo e o impacto necessário à sua arte?

Ao final da entrevista, pergunto três palavras que poderiam definir a graduação em artes cênicas na Celso Lisboa. Scart comenta:

Contemporaneidade é uma delas ou arte contemporânea. Eu estudava teatro há muito tempo. Mas na Celso eu tive contato com uma abordagem diferente da que eu já tinha tido. Na verdade, eu pude reconhecer coisas que eu já estava vendo, tendências. Só que eu não sabia, então pude conhecer. A Celso me proporcionou também uma redescoberta, a partir de um trabalho conheci a obra de Piscator⁷ e o teatro épico; e me vi ali, um conhecimento melhor dos meus posicionamentos artísticos. Sobriedade na minha formação, algo que eu aprendi. Por ver que as pessoas não estavam agindo, eu quis melhorar isso em mim, colocar a mão na massa. Seriedade em relação ao trabalho artístico, sabe?

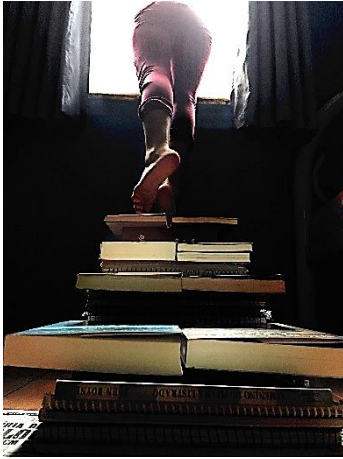
Identifico minha convicção acerca do curso ao ouvir as palavras de Queiroz:

Minha graduação na Celso se resume a aprendizado, amadurecimento (considero que amadureci muito na Celso enquanto artista e pessoa) e artístico, porque eu acredito que [a Celso] não é uma faculdade de artes cênicas isolando o ator, ela te ensina a ser artista mesmo, a ser um artista completo, que consegue criar. Você é um criador com tudo que eles ensinam no curso, então escolho essas três palavras.

Concluo o trabalho expondo a fotografia que melhor representa o conteúdo tratado neste artigo. A foto a seguir (Imagem 1) é a minha favorita de o todo álbum criado. Toda subjetividade e todo entendimento literal deste registro me permite dizer a artista que sou, me permite reconhecer espaços criativos, caminhos de transformação potentes e vias de comunicação com as contribuições trazidas por meus colegas. Em uma última intertextualidade cito Neil Gaiman, jornalista e autor britânico, que em seu livro *O Oceano no fim do caminho* nos diz: “Eu faço arte, às vezes arte verdadeira, e às vezes isso preenche os espaços vazios da minha existência. Alguns. Nem todos” (GAIMAN, 2013, p.12).

⁷ Erwin Piscator (1893-1966) foi um dramaturgo e diretor teatral alemão, e criador do teatro documentário. Iniciou o gênero de teatro épico, o qual seria disseminado pelo mundo posteriormente.

Imagem 1: Degraus que vou⁸



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste desfecho, retomo o ponto de partida deste estudo o qual me despertou para a revisão de fotografias performáticas, enquanto possibilidade de recriação de si. Recordo que a subjetividade do tema, a afinidade com a minha linguagem enquanto artista e a capacidade de pesquisá-la pessoalmente me encantaram.

Ao elucidar a fala de Bondía, observo que é preciso semear a arte do encontro, seja conosco, com o espaço ou com o outro. E tal encontro demanda desacelerar o tempo que vivemos, como nos forçou a quarentena.

Entrevistando meus colegas, pude perceber semelhanças em nosso entendimento a respeito da pandemia, bem como na importância de sermos motivados a produzir as imagens supracitadas. Nos sentimos aprisionados em dado momento e resgatados pela oportunidade de exercer o lado criativo. Parafraseando meus entrevistados, a Celso Lisboa nos proporcionou redescoberta e amadurecimento.

O projeto nomeado *Como fazer germinar uma nova morada aqui?* exposto por colegas de curso como catártico, impactou positivamente a nossa formação durante o curso de graduação. Graduação esta que sofre com resquícios de uma pandemia, mas que se concluí com esperança e afeto, dada a condução do Centro Universitário Celso Lisboa a estes artistas contemporâneos que se formam.

⁸ Fotografia mencionando a escada de livros, algo que me impulsiona e em intertextualidade com outra imagem intitulada *Degraus de Vó*, pessoa que me ensinou a ler. Link para visitar outras fotografias: <https://drive.google.com/drive/folders/1YUJ7LXla7GfPfmDEDruDPDhGoa4TCjOH?usp=sharing>

O álbum produzido foi um resgate de memórias no espaço que resido, me permitindo encontrar minha base, minha essência e minha esperança. Assim, pude dar continuidade a minha caminhada enquanto estudante e pessoa.

Entendo a pesquisa ainda em curso, mas com a certeza de que a arte constrói caminhos fundamentais de sobrevivência em meio ao caos. Sobretudo, a arte resiste.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. N.19, p.1-9, 2002.

GAIMAN, N. **O oceano no fim do caminho**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

MAIA, C. M.; REVEDAM, R. A arte pode melhorar estados emocionais em período de isolamento social. **Comciência**, 2020. Disponível em: <https://www.comciencia.br/a-arte-melhora-estados-emocionais-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. **UNA-SUS**, 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 12 nov. 2021.